

2ª EDIÇÃO

Mundicarmo Ferretti

DE SEGUNDA A DOMINGO

ETNOGRAFIA DE UM MERCADO COBERTO



**MINA, UMA RELIGIÃO
DE ORIGEM AFRICANA**



**SÃO LUÍS - MA
1987**

1ª edição - 1985

Mundicarmo Feretti

**DE SEGUNDA A DOMINGO, ETNOGRAFIA DE
UM MERCADO COBERTO**

**MINA, UMA RELIGIÃO DE ORIGEM
AFRICANA**

São Luís – MA
1985

Orelha**De segunda a domingo, etnografia de um mercado coberto. Mina, uma religião de origem africana.**

Dona de um experimental conseqüente, a autora nos encoraja por seu próprio “Curriculum Vitae” a lê-la e a rastrear assuntos tão aparentemente comuns no nosso dia-a-dia, no que tange a aspectos superficiais, o Mercado Central e Mina. Porém, quando temos Mundicarmo em sua abordagem analítica, descobrimos o quanto carecemos, em São Luís, de ensaístas da envergadura e do quilate desta pesquisadora para inteirarmo-nos com mais percuciência do mundo mágico ou lúdico-onírico que nos rodeia co-participe do real, com tantas riquezas a serem investidas e exploradas pela relação e ilação que estabelecem com nossas vidas em nosso cotidiano, tantas implicando com a contribuição que poderemos dar para a solução de tantos problemas e dramas de seres anônimos que contribuem, em seu laborar, direta ou indiretamente para a construção de nossos objetivos básicos existenciais. Daí as opiniões bem fundamentadas de Moacyr Félix e Franklin de Oliveira sobre a obra em apreço.

Francisco Alves Camêlo

... Lutar pela memória dos nossos costumes e tradições, da nossa história popular e das instituições e rituais em que vêm se configurando, é uma das tarefas mais importantes em nossa cultura.

Este livro (...) é bem elaborado, bem fundamentado e decorre de um criterioso trabalho de pesquisa. Trabalho esse que não pode ser perdido ou ficar limitado às gavetas do seu autor...

Moacyr Félix

...Mundicarmo Maria Rocha Ferretti, no seu estudo sobre o Mercado Central de São Luís,

acopla aos métodos da Antropologia Econômica os métodos da Etnografia (...), daí o salto que possibilita a aterrissagem no campo das religiões africanas, em particular a Casa das Minas – áreas que já preocupou africanistas da qualificação de Costa Eduardo, Nunes Pereira, Maria Amália Barreto e Sergio Ferretti.

Ao debruçar-se sobre os terreiros de São Luís, a autora traz uma inovadora contribuição a tais estudos: o exame das mudanças ocorridas no sistema, digamos assim, mina. Quer isso dizer que o seu exame não se atém ao tradicional, porque privilegia manifestações culturais ou população negra sob o selo de suas transformações – de sua atualidade.

Com essa visão, assim armada, desvenda outros segmentos da população maranhense, para além de sua africanidade de origem.

Este estudo revela uma pesquisadora séria, (...) metodicamente equipada e, por isso, destinada a realizar um grande estudo de que carece a Cultura Maranhense: o estudo sobre o Negro no Maranhão, o Negro Maranhense...

Franklin de Oliveira

MUNDICARMO MARIA ROCHA FERRETTI, antropóloga, professora de Psicologia Social e pesquisadora de cultura popular, é Mestre em Ciências Sociais pela UFRN e autora de NA BATIDA DO BAIÃO NO BALANÇO DO FORRÓ (estudo sobre a música de Luiz Gonzaga e Zedantas no seu contexto de produção e sua atualização na década de 1970, a ser publicado pela Ed. Massangana), O conceito de “ethos” em Gregory Bateson (UFMA, 1983); Rádio e cultura Nacional (Ver. Cambiassu, UFMA, Ano II, 1984, nº 2) e de outros artigos encaminhados para publicação em periódicos nacionais. Com os trabalhos DE SEGUNDA A DOMINGO - ETNOGRAFIA DE UM MERCADO COBERTO, e MINA, UMA RELIGIÃO DE ORIGEM AFRICANA conquistou o prêmio “Maranhão Sobrinho” no concurso literário realizado pelo SIOGE em 1985.

Mundicarmo Maria Rocha Ferretti

**DE SEGUNDA A DOMINGO,
ETNOGRAFIA DE UM
MERCADO COBERTO**

**MINA, UMA RELIGIÃO
DE ORIGEM
AFRICANA**

São Luís – MA
1985

Direitos desta edição reservados, durante o período de (02) anos, ao Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado - SIOGE

GOVERNADOR DO ESTADO
Luiz Alves Coelho Rocha

SECRETÁRIO DE ADMINISTRAÇÃO DO ESTADO DO MARANHÃO
Eliezer Moreira Filho

DIRETOR-PRESIDENTE DO SERVIÇO DE IMPRENSA E OBRAS
GRÁFICAS DO ESTADO-SIOGE
Francisco Alves Camêlo

FICHA TÉCNICA

Composição – Sodré
- Reinaldo
- Alberico
Diagramação - Dilane
- Isolda
Fotomecânica - Amorim dos Passos
Impressão - Wilson Martins
Encadernação - Francisca Souza

Capa: Geisa

FERRETTI, Mundicarno Maria Rocha

De segunda a domingo, etnografia de um mercado coberto.
Mina, uma religião de origem africana. São Luís, SIOGE, 1985.

64p.

1. Antropologia cultural. 2. Cultura popular-Maranhão. 3. Mercado. 4. Religião afro-brasileira. 5. Negro-Maranhão. I. Título. 11. Mina, uma religião de origem africana.

CDD 390
CDU 39

SUMÁRIO

NOTA PRÉVIA.....08

DE SEGUNDA A DOMINGO, ETNOGRAFIA DE UM MERCADO COBERTO

INTRODUÇÃO10

1 Localização e Aspectos Gerais do Mercado Central11

2.Fregueses e Frequentadores14

3.Comerciante do Mercado é assim15

CONCLUSÃO19

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA20

RESUMO20

MINA, UMA RELIGIÃO DE ORIGEM AFRICANA

INTRODUÇÃO22

1 O que é Mina22

2.O Tambor de Mina do Maranhão26

3. O Caboclo na Mina Maranhense30

CONCLUSÃO32

BIBLIOGRAFIA CITADA32

RESUMO34

NOTA PRÉVIA

De segunda a domingo, etnografia de um mercado coberto e Mina, uma religião de origem africana, reunidos nesta publicação, tratam de aspectos da vida do povo maranhense e da cultura popular de São Luís que têm despertado particular interesse, tanto em visitantes estrangeiros como em pesquisadores e turistas de outros Estados que chegam a esta cidade.

O Mercado Central é uma "exposição permanente" de cultura popular maranhense e um convite para "mergulhos" mais profundos em suas diferentes áreas. Ali mesmo podem-se encontrar elementos ligados ao Tambor de Mina, tema do segundo trabalho aqui apresentado. As ervas ali comercializadas são indispensáveis na preparação de banhos e remédios produzidos e utilizados largamente por pessoas ligadas à religião afro-brasileira ou a "Cura" (pajelança maranhense).

Esta obra pode representar uma "janela aberta" para tantos quantos desejarem conhecer a cultura popular do Maranhão encontrada no Mercado Central e nas casas de Mina, uma vez que a maioria das pessoas que de lá se aproximam, com diferentes objetivos, o fazem de maneira apressada e pouco têm oportunidade de observar certos aspectos que aqui são mostrados.

A autora

**DE SEGUNDA A DOMINGO, ETNOGRAFIA DE
UM
MERCADO COBERTO**

INTRODUÇÃO

Apesar de crescente interesse na Antropologia Econômica pelas feiras e mercados e das inúmeras pesquisas que têm sido realizadas sobre os mercados na África, Ásia e América Latina, pouco se tem escrito a este respeito sobre o Brasil. A maior parte dos trabalhos publicados sobre feiras e mercados brasileiros, são artigos escritos por folcloristas, destacando seus aspectos exóticos e a sobrevivência de velhos costumes, ou por geógrafos, destacando seu aspecto regional (MOTT).

De segunda a domingo é uma etnografia de um mercado em São Luís, elaborada em dezembro de 1978 para a Seleção ao Curso de Mestrado em Antropologia Social da UFRN.

Resultou de observações feitas durante o mês de dezembro e de entrevistas realizadas com alguns comerciantes, fregueses e freqüentadores do mercado, e pessoas ligadas à COMAB¹. Na observação, procuramos ver o mercado nos diferentes dias da semana e em todos os seus horários de funcionamento. Nossa identidade de pesquisadora, embora percebida por muitos dos informantes, só foi por nós revelada às pessoas da COMAB, ao representante de um dos sindicatos de feirantes e a três comerciantes ali estabelecidos. Para os demais, nos apresentamos como um consumidor "bisbilhoteiro" ou como turista curioso. Deste modo, o roteiro das entrevistas e da observação foi-se construindo, à medida que progrediam nossos contatos com o campo.

Para efeito desta publicação, tivemos que fazer algumas alterações no texto original, retirando dele as partes julgadas dispensáveis e as passagens que permitissem a identificação dos informantes. Acrescentamos também, dois parágrafos sobre o problema da posse do local de comercialização, e a cobrança de aluguel por parte da COMAB.

¹ Companhia Maranhense de Abastecimento - sociedade de economia mista, tendo a Prefeitura como principal integrante - a quem cabia, na época da pesquisa, a gerência das feiras livres e mercados de São Luís.

1. LOCALIZAÇÃO E ASPECTOS GERAIS DO MERCADO CENTRAL

Situado no fim da Av. Magalhães de Almeida, numa área hoje ocupada por postos de gasolina, oficinas mecânicas, casas de ferragens e de material de construção, encontra-se o Mercado Central de São Luís, também conhecido por Mercado Grande.

É uma instituição municipal, administrada pela COMAB - Companhia Maranhense de Abastecimento, da qual a Prefeitura é a principal acionista, e, que funciona em um prédio construído a cerca de 40 anos, na Administração Paulo Ramos. Para lá, foi transferido o mercado velho, demolido naquele governo, em decorrência da abertura da Avenida Magalhães de Almeida. Entre os comerciantes, ainda existem alguns que trabalharam no mercado velho. Ocupa uma das quadras da Av. Guaxenduba e é caracterizado como construção sólida, possuindo uma área central e outra periférica cobertas por laje, e uma descoberta entre as duas, atualmente fechada na parte superior por arame farpado.

Não se sabia ao certo, na época da pesquisa, quantos varejistas trabalhavam ali. A COMAB, em convênio com a CEASA, estava procedendo a um levantamento com vistas ao cadastramento dos comerciantes. Conforme dados da COMAB, há cerca de 483 dependências comerciais no Mercado Central dentre lojas, barracas, boxes e bancas. Como dificilmente trabalha mais de uma pessoa, em cada estabelecimento comercial, estimamos em 500 o número de vendedores do Mercado Central de São Luís.

Os aluguéis pagos à COMAB, em parcelas diárias, variam de Cr\$ 9,00 a Cr\$ 45,00. Esta variação nem sempre gira em torno da dimensão da área ocupada pelo comerciante, e, das condições de higiene, segurança e conforto oferecidos. O preço varia também, em função das relações pessoais entre comerciantes e representantes da COMAB, da força do sindicato a que está ligado o varejista, e da antigüidade do comércio. Assim, como nos informou um comerciante, um camaroeiro que vende sua mercadoria em banca descoberta por ele construída e colocada na área reservada à circulação de fregueses, pode ao final do mês ter contribuído mais para a COMAB, do que um varejista que ocupa uma das lojas do mercado.

A posse das dependências onde são comercializados os produtos (lojas, barracas, boxes e bancas), é algo bastante discutido no Mercado Central. Os comerciantes, quando se estabelecem, pagam, geralmente, ao antigo ocupante do ponto certa quantia. Além do mais, sempre que podem, fazem melhoramentos nas instalações, como fechar a barraca, improvisar um armário para guardar a mercadoria embaixo das bancas, etc. Isso faz com que se sintam "proprietários" e com direito a receber dinheiro quando transferem as instalações a terceiros. Para a COMAB, no entanto, eles são "locatários", e, ao deixarem aquela atividade comercial, não podem negociar o ponto ou escolher o seu futuro ocupante. Por outro lado, aquela Companhia se sente com direito a cobrar aluguel e taxa de transferência sobre os pontos, e dispor das áreas do mercado para, por exemplo, instalar frigoríficos ou fazer outros melhoramentos, mesmo que para tal necessite retirar do local alguns comerciantes. A COMAB considera-se também com poderes para, em função de um planejamento das áreas do mercado, transferir os

comerciantes para outros locais. Tais divergências têm sido motivo para inúmeros desentendimentos entre comerciantes, representados por seus sindicatos, e a Companhia Maranhense de Abastecimento.

No Mercado Central vendem-se, ao lado de gêneros alimentícios, artigos industrializados e manufaturas da região. Em virtude de se encontrar aí frutas e verduras típicas, comidas regionais, artesanato e outras amostras da cultura maranhense, é também uma atração para os turistas.

Nunca se deixa de encontrar ali o camarão com o qual se faz a tão apreciada torta; a pescada, que é vendida em qualquer restaurante ou bar de São Luís; e grande variedade de peixes menores que são consumidos principalmente pela população de baixa renda. Tendo muitas espinhas, são vendidos mais barato, embora os peixeiros esclareçam que espinha não é problema, "é só titar".(dar vários cortes sobre ele).

No mercado encontra-se também diariamente o sururu (marisco de concha escura), vendido à base de Cr\$ 2,00 o litro, ou, já descascado e medido em latas de leite condensado ou copo de geléia por Cr\$ 1,00. Todo dia tem mocotó (víscera de boi), que custando pouco dinheiro é também comprado pelas merendeiras do mercado.

Em meio a brinquedos, louças, panelas de alumínio e outros produtos industrializados há sempre artesanato utilitário como: alguidares de barro; gamelas de madeira; cestos e cofos de palha; lamparinas, bacias e outros artigos de flandreg; colheres de pau; cabides, gaiolas, porta-copo, apito para chamar passarinho confeccionados em madeira; pés de filtro, correntes de rede, fogareiros e outros artigos de ferro, etc.

Entre brinquedos populares, encontram-se no Mercado Grande, baladeiras, conjuntos de panelinhas de cerâmica feitos em Rosário, miniaturas de fogão a lenha, caminhões de madeira, etc. Há também miniaturas de embarcações à vela típicas do Maranhão, feitas em talo de buriti ou em madeira, procuradas pelos que desejam pagar promessas feitas a São José de Ribamar, especialmente pescadores que estiveram perdidos no mar. Esses objetos artesanais, as redes feitas em tear doméstico, em fio rústico e com varanda de croché, as pulseiras e outros objetos de chifre ou madeira, são muito solicitados pelos turistas.

Existe ainda grande número de artigos de religião e medicina popular, vendidos por pessoas ligadas em geral a terreiro de umbanda. Entre eles podem ser citados: anéis de aço, considerados bons para "descarregar" nervoso; banha de cobra, dente de jacaré e penas de pássaros, usados para "afastar as coisas ruins"; flor de sabugueiro, coquinho, cabacinha, pau de quina e muitas outras ervas que são compradas para fazer chá, sendo cada uma delas indicada pelo próprio vendedor para certas enfermidades. Existe também essências indicadas para banho, e defumadores que "servem para atrair coisas boas e afastar tudo o que é mal". Essas mercadorias são compradas diretamente no Ceará, Pará e cidades do interior do Estado, ou, trazidas por numerosos viajantes. Algumas, como a mirra, vêm do Oriente e são vendidas por mercador belga, segundo nos informou um dos vendedores.

Entre as verduras também se encontram diversos tipos de ervas medicinais, conhecidas entre eles por "mato cheiroso", como: jardineira, alfavaca de galinha, hortelã grossa, pega pinto, etc. Conhecidas por suas propriedades medicinais são vendidas para chá, banho ou para se fazer "lambedor" e tomadas em vez de remédios de farmácia ou juntamente com eles.

Em um dia de semana, numa Rural onde se lê o endereço de um terreiro de

Umbanda do bairro do Olho d'Água, estacionada junto à calçada do mercado, um homem de branco, com colares de contas cruzados sob o peito, oferece de microfone em punho, um produto denominado "saracura da felicidade" feito à base de ervas medicinais, como adianta seu vendedor, e apresentado em pó, pomada ou elixir, atrai a atenção dos frequentadores do mercado, os quais não resistindo ao seu fascínio adquirem por Cr\$ 30,00 aquele medicamento, indicado ali "para todas as doenças e com a vantagem de não exigir repouso ou resguardo".

Nas quatro entradas do mercado, encontram-se sempre jornais de São Luís provocando aglomeração de pessoas, interessadas mais em ler as manchetes do dia, do que em adquirir um dos seus exemplares.

Próximo ao mercado, na Rua Antonio Rayol, em frente a uma loja especializada em artigos para jardim e aproveitando um alargamento destinado a estacionamento de veículos, vendedores de plantas ornamentais, terra preta e estrume, arrumam seus cofos de palha. Juntamente com os vendedores ambulantes, existentes fora do mercado, principalmente aos fins de semana, são responsáveis pela formação de verdadeira feira livre ao lado do prédio do mercado coberto.

Em geral, os preços parecem não sofrer alteração no fim de semana, nem em função da hora em que são vendidos os produtos. Menor preço só se faz para amigo, para um "bom freguês", ou quando, no fim das vendas, os vendedores precisam apurar o dinheiro para fazer o pagamento do aluguel, da taxa do sindicato, ou para pagar a mercadoria comprada naquele dia na CEASA, ao intermediário que, em geral, está presente ao mercado no encerramento do dia, para receber dinheiro ou anotar os pedidos para o dia seguinte. Com este sistema por eles criado, os comerciantes conseguem continuar recebendo a mercadoria no próprio mercado, embora tendo passado pela CEASA e por maior número de intermediários.

O Mercado Grande fica aberto diariamente de 04:30 às 14:30 horas. Os comerciantes estabelecidos na parte interna do prédio começam a trabalhar mais cedo, especialmente os verdureiros, fruteiros e vendedores ambulantes, que levam mais de uma hora para arrumar suas bancas. Os peixeiros e trabalhadores também chegam cedo, pois a carne precisa ser dividida e o peixe arrumado entre pedaços de gelo, antes da chegada dos fregueses. As merendeiras, desde que o mercado abre suas portas, começam a preparar comida, pois antes de terminarem de atender aos que pedem café com bolo, beiju ou cuscuz, começam a servir arroz com mocotó, carne ou peixe cozido a pessoas de várias categorias, que se dirigem ao mercado para "fazer uma merenda", no seu intervalo de trabalho.

Às 06:30 horas, quando começa a crescer o movimento de vendas, quase todas as barracas estão abertas. As últimas a funcionar são as que vendem artesanato, pois sendo mais procuradas pelos turistas, abrem suas portas a partir das 07:30 horas, juntamente com as lojas da parte exterior do prédio e as demais lojas de comércio de São Luís localizadas especialmente na Av. Magalhães de Almeida, Praça. João Lisboa, Rua Grande e arredores.

Em torno de 11:00 horas, o movimento diminui. Meia hora depois, muitas barracas já fecharam suas portas e o peixe e a carne, que não forem vendidos, são levados ao frigorífico existente no bairro do Portinho, próximo ao mercado. Os outros produtos como frutas, legumes, etc., são deixados no mercado em armários ou cestos de palha, colocados embaixo das bancas e podem passar vários dias fora da geladeira sem apodrecer. Durante a ausência dos comerciantes, as mercadorias são protegidas dos

ladrões pelo vigia, que começa seu plantão ao meio-dia e sai, às 07:00 horas da manhã do dia seguinte. Vez por outra ao arrumarem as bancas, os comerciantes sentem falta de alguma mercadoria e são ouvidos seus "resmungos" e reclamações. Mas, em geral, afirmam confiar na honestidade do vigia e que "faltando pouca coisa não tem importância"... Para os administradores os roubos ocorrem às 05:00 horas da manhã, quando "entra todo tipo de gente e os comerciantes às vezes estão ainda a caminho do mercado".

O comércio da parte externa do prédio funciona até as 18:00 horas sem interrupção no horário do almoço, pois, conforme depoimento de um dos comerciantes, "dá muito trabalho arrumar a mercadoria exposta em frente às barracas e lojas". O movimento fora do mercado continua também, à noite, devido aos bares existentes nos arredores, pontos finais de ônibus do subúrbio, e barbearias que ali ficam abertas algumas horas durante a noite. Mesmo quando todos esses param, há movimento nas calçadas em volta do mercado. Ao lado de "rumas" de frutas, dormem homens e garotos esperando que o dia amanheça para recomeçarem a luta diária. Existe provavelmente revezamento entre eles pois, nunca faltam nas calçadas a qualquer hora do dia ou da noite, nem homens nem frutas ...

Além do vigia contratado pela COMAB, os comerciantes das lojas e barracas localizadas na frente do prédio, após a ocorrência de vários roubos, contrataram um vigia noturno para aquela área. Durante o dia, a segurança é garantida pela presença de dois policiais, permanentemente de plantão.

2. FREGUESES E FREQUENTADORES

De segunda a domingo, é grande o movimento no Mercado Central. Muitas famílias maranhenses têm o costume de comprar diariamente tudo o que precisam para sua alimentação explicando que "comida de geladeira não presta" ou que "pobre não sabe guardar comida para outro dia"... São em geral oriundas da zona rural onde às vezes não dispõem de luz elétrica e de geladeiras para a conservação dos alimentos.

Desde as 06:00 horas, lá pode ser encontrado grande número de mulheres comprando carne, peixe, camarão ou caranguejo, verduras, frutas, cereais, alguma porção de óleo, toucinho e outros temperos utilizados na preparação dos alimentos. Trazendo na mão uma sacola de plástico demoram-se em cada lugar que param e levam muito tempo conversando com amigos nas entradas ou nos locais de circulação. São quase sempre empregadas domésticas que demorando mais do que o tempo necessário para fazer as compras, enfrentam, certamente, ao chegar em casa, as reclamações das patroas que costumam falar nesse assunto quando se reúnem.

Os donos de mercearias compram também diariamente.

Quando têm empregada, chegam mais cedo, mas se não têm com quem deixar a mercearia, aparecem quase na hora de encerramento das vendas. Ao contrário das empregadas domésticas, homens e mulheres, estão sempre com muita pressa e desejando comprar o máximo com o mínimo de dinheiro. Nesta oportunidade "arrancam" dos comerciantes alguns presentes ou exigem deles menor preço, o que acarreta vez por outra discussões entre eles. "Esse vai de quebra"... "Só pago Cr\$ 30,00 por tudo, tu vendeste mais barato prá outro"... "Esfola", grita um passante e ouve como resposta: "o que é? .. tu também não tiras o teu? ..." Ouve-se ainda a voz do vendedor

"desse jeito não dá, comprei mais caro, prefiro perder tudo do que vender por menos" ...

Há também entre os freqüentadores pessoas de classe média, funcionários públicos, comerciantes, professores, geralmente originários do meio rural, que tendo hábito de acordar cedo e possuindo transporte próprio vão até ali quase todos os dias trazendo para casa em sua cesta um jornal, pão comprado nas padarias dos arredores, cheiro verde ou alguma outra coisa que justifique a sua permanência no mercado por algum tempo.

Aos sábados, domingos e feriados é grande a freqüência ao mercado. Nestes dias há maior quantidade e variedade de produtos. Até às 09:00 horas, aparecem, como nos outros dias, pessoas que pela sua aparência podem ser classificadas como de baixa renda mas, entre 09:00 e 10:00 horas surgem a caminho da praia muitas famílias de classe média que transitam pelo mercado em trajes de banho trazendo na mão chaves de carro. Algumas senhoras vêm sozinhas pois costumam fazer compra grande. Em geral arranjam por ali um garoto para ajudá-las a carregar as cestas, pagando-lhes pelo trabalho.

As relações entre fregueses e comerciantes são geralmente cordiais. Muitos fregueses compram sempre aos mesmos vendedores e estes, guardam-lhes as melhores mercadorias fazendo ainda redução nos preços e presenteando-os com alguns dos seus produtos quando a compra é maior. Os fregueses, por outro lado, além de proporcionarem uma venda certa, recomendam-nos a outros compradores, retribuindo assim o tratamento especial recebido.

Embora se observem conversas amigáveis entre ambos quando muitas vezes o comerciante ensina remédios caseiros ou o uso da fórmula mágica para "curar doenças, atrair o bem e afastar o mal", presume-se pela sua linguagem controlada e pelo emprego excessivo de palavras delicadas que existem conflitos naquelas relações. O uso do "palavrão" em presença de fregueses é sempre censurado pelos comerciantes: "olha a moça"... Os compradores inexperientes são freqüentemente enganados nas suas compras trazendo para casa frutas que não irão amadurecer, etc. Por outro lado, os compradores não perdem a oportunidade para na contagem das frutas, por exemplo, levar algumas a mais sem autorização do vendedor.

Em meio a compradores e comerciantes, encontram-se diariamente circulando pelo mercado, além dos dois policiais de plantão, funcionários da COMAB, fiscais da Secretaria de Saúde, INPS e outras instituições como também cobradores dos sindicatos.

Entre freqüentadores do mercado, há também os recém-chegados do interior do Estado que vão até lá para rever amigos, dar notícias de parentes ou entregar alguma encomenda de amigo comum. Além desses há ainda motoristas de táxi e de caminhão de frete que fazem ponto perto do mercado, operários que trabalham nos seus arredores e pessoas de outras categorias que procuram o mercado para fazer uma merenda.

3. COMERCIANTE DO MERCADO É ASSIM ...

Classificados de acordo com o que comercializam, os varejistas do mercado (entendidos neste trabalho como comerciantes que possuem box, barraca, talho,

merendeira ou banca dentro do mercado, os que dispõem de barraca de aço na calçada e todos os auxiliares e empregados que atuam como vendedores), constituem as categorias de trabalhadores, peixeiros, fruteiros, verdureiros, merendeiras, varejistas de gêneros alimentícios e outras menos numerosas.

Apresentando profundas diferenças ligam-se a sindicatos diferentes, cada um deles congregando integrantes de uma ou mais categorias de varejistas do Mercado Central e de outras feiras e mercados de São Luís.

Procurando uma visão geral dos comerciantes do Mercado Grande, pode-se afirmar, em primeiro lugar, que são predominantemente adultos do sexo masculino, havendo entre eles, no entanto, menores de 8 a 12 anos e pessoas de mais de 60 anos, algumas delas com mais de 40 anos de experiência. As mulheres existentes entre eles integram principalmente as categorias dos fruteiros e verdureiros, sendo maioria entre vendedores de banana e constituem o grupo das merendeiras. Nunca são encontrados na área ocupada por peixeiros e trabalhadores assim como também não há homens vendendo merenda.

Entre eles há muita desigualdade em relação a nível de renda e classe social sendo em geral os talhadores os mais ricos e os comerciantes de gêneros alimentícios mais identificados com a classe média, pertencendo inclusive ao mesmo sindicato de outros comerciantes do gênero, estabelecidos em diversos pontos da cidade fora de mercados e feiras. A maioria daqueles comerciantes dispõem de capital insuficiente para dinamizar o negócio. Preferem pagar diariamente o aluguel pelo ponto ocupado e comprar todos os dias a mercadoria que venderem, efetuando o pagamento no fim da manhã quando, conforme depoimento de um fruteiro, "conseguiram apurar o dinheiro"...

Embora alguns deles possuam carro de luxo do último modelo do ano, a maioria vai para o mercado de ônibus e reside na área rural ou nos subúrbios de São Luís. Cerca de sete a oito, identificados em levantamento realizado pela administração, utilizam carro próprio para transporte de mercadoria (frutas e verduras) e, segundo essa mesma fonte, um dos verdureiros vai a pé para o mercado. A maior parte da mercadoria chega àquele local de caminhão e o transporte é cobrado a base de cinco a dez cruzeiros por cesto de mercadoria.

Trabalham normalmente de bata branca, exigida pela Secretaria de Saúde, em pé ou sentados em pequenos bancos de madeira e geralmente protegidos do sol e da chuva. Fazem uso freqüente de cordões e medalhas de ouro e podendo comprar um vidro de perfume fazem dele uso generoso, de modo que pode ser sentido a distância no início da manha mesmo quando estão, por exemplo, supervisionando a arrumação do peixe no box.

Durante o trabalho, os varejistas de gêneros alimentícios são vistos tomando café que mandam comprar ali mesmo enquanto outros são vistos tomando um copo de "gelado" com pão na porta do mercado ou um copo de mingau de milho feito pelas merendeiras, deixando nessa hora um vizinho do lado atendendo na sua banca. Os fruteiros preferem comer uma banana ou chupar uma das mangas ou outra fruta da época dispostas na mesa. Raramente trazem de casa alimentos cozidos.

Nem sempre dispõem de balanças para pesar as mercadorias calculando o peso pelo volume ocupado, por exemplo, em latas de diversos tamanhos. Os barraqueiros outras vezes tendo que vender quantidades muito pequenas de mercadoria a "retalhos" para poderem adequar-se ao poder aquisitivo de seus clientes, usam medidas especiais

como, por exemplo, a usada para medir azeite de mamona usado para fins medicinais, ou mesmo o óleo usado na preparação de alimentos, equivalendo a mesma, a mesas do que uma colher de sopa.

Embora sejam predominantemente analfabetos ou precisem ser esclarecidos pelos sindicatos ou por outros comerciantes em relação aos seus direitos, pelo menos três deles são universitários, como nos informou um técnico em Administração que tem barraca ali. Alguns deles têm visão ampla dos seus problemas e são capazes de mobilizar vários outros na defesa de seus direitos.

Em geral afirmam estar satisfeitos com aquele ramo de comércio, embora muitas vezes reclamem da CEASA, dos altos aluguéis cobrados pela COMAB e das taxas dos sindicatos. Alguns vendedores de barracas falam com entusiasmo das vantagens daquele ponto em relação a outros locais onde já venderam, embora reclamem que pagam um aluguel mais alto do que o de uma loja pequena no mercado. Segundo informam, a experiência dos que saíram daí e ou deixaram o comércio entregue a empregado ou parente para assumir um cargo público ou abrir um comércio noutra local, não é muito positiva.

Dispondo geralmente de pouco capital e obtendo pequena renda com o comércio do mercado, os comerciantes não podem ocupar em sua grande maioria mais do que um a dois metros quadrados com o seu comércio. Por essa razão, muitos também não precisam de empregados exceto para retirar a mercadoria dos caminhões e colocá-la no local onde será vendida ou guardada, trabalho que pagam aos "carretos" existentes no mercado. Os que possuem mais de uma banca separada, às vezes distante uma das outras, trazem seus filhos ou outro parente próximo para auxiliá-los durante a venda. Os que possuem barraca maior ou colocada na calçada costumam ter um empregado, quase sempre menor de idade.

Quando estão entre pessoas da mesma categoria a que pertencem, a relação entre os vendedores é marcada pela espontaneidade e pela colaboração. No início e no fim da manhã, por exemplo, podem ser vistos rindo, cantarolando e brincando enquanto arrumam o peixe, as frutas e verduras. Também não é difícil surpreendê-los durante a manhã ajudando-se mutuamente como atendendo a um freguês quando um companheiro precisa sair rapidamente, emprestando a balança ou dando um pedaço de papel a outro comerciante ou simplesmente ajudando um vizinho a persuadir um comprador. Podem-se observar também muitas manifestações de solidariedade. São freqüentes entre os peixeiros as "vaquinhas" para ajudar no funeral de um colega ou para ajudar na alimentação da família enlutada. Os camaroeiros costumam dividir entre si o fruto de uma pescaria mal sucedida afirmando que "assim todos têm pelo menos dinheiro para pagar o aluguel que é cobrado pela COMAB mesmo quando não podem trabalhar. E, quando alguém recebe penalidade encontra sempre um companheiro para interceder junto à Administração.

Mas, se dentro da mesma categoria as relações são predominantemente amistosas, há também conflitos latentes entre eles, como se pode concluir, por exemplo, ao ouvir seus depoimentos em relação ao sindicato. Por outro lado, as relações com os de categoria diferente são marcadas por rivalidades e malquerenças. Referindo-se aos talhadores afirmava um barraqueiro: "são pessoas grossas, rudes e frias". E em relação aos peixeiros disse um cobrador do sindicato, "são briguentos, muitos são marginais, por isso não podem tirar os documentos que todo profissional precisa".... Em outro

local do mercado, a esposa de um vendedor de gêneros alimentícios mostrava irritação com um peixeiro que tirava a faca de cortar toucinho de cima do balcão sem pedir sua autorização.

Para um fiscal da COMAB eles são sempre desunidos, "vivem brigando e rezingando por tudo, e só se unem na hora de protestar contra a empresa", afirmava apontando uma coleção de facas tomadas pelos policiais durante brigas e que se encontram retidas na administração.

Suas relações com a COMAB não são harmoniosas. Ao comunicar a determinação de uma penalidade imposta, em decorrência, por exemplo, de fiscalização de agentes da Secretaria de Saúde, os administradores procuram fazê-la na presença de policiais. Por outro lado, a maior parte das determinações daquela Companhia são mal recebidas pelos varejistas e levam sempre à formação de grupos de contestadores e à intromissão dos sindicatos. No ano de 1978 a maior parte dos conflitos girou em torno do cadastramento de varejistas e da apresentação do "Termo de permissão remunerada do uso" propostos por ela. Este último apresentado primeiramente aos verdureiros, fruteiros e peixeiros enfrentou a oposição organizada dos "talhadores", o que levou a COMAB a fazer reformulações substanciais ao modelo de contrato proposto. A lentidão com que estava se reprocessando o cadastramento é um testemunho dos temores e desconfianças dos varejistas em relação a ele. Como afirmou um comerciante "só pode ser mais uma das suas ciladas contra nós", ..

Nem todos aqueles comerciantes são sindicalizados. Alguns o fazem só para poder trabalhar, mas depois não querem pagar a taxa de Cr\$ 5,00 diários cobrada por eles, como acontece com o "sindicato de peixeiros e vendedores ambulantes". Para um dos seus cobradores, os vendedores têm que se sindicalizar para poder trabalhar, pois as empresas não entregam o peixe a qualquer-um. Para um camaroeiro o sindicato é mais uma coisa para empurrar o pobre para baixo e só serve para fazer o funeral. Está ligado aos outros "perseguidores" (COMAB, INPS, polícia, Secretaria de Saúde, etc.) "eles sempre estão ligados para perseguir a gente".

Segundo um informante, antes, os camaroeiros não eram sindicalizados mas eles tanto fizeram que conseguiram expulsá-los do mercado. Depois, para voltar tiveram que se sindicalizar. O sindicato exige que o pessoal pague o INPS senão quando morrem ou ficam doentes as famílias exigem ajuda do sindicato. Mas, como informa um cobrador, o sindicato só ajuda aos que estão em dia com suas contribuições. "Os outros não têm direito". Às vezes, a gente fica com pena pois são pai de família e faz uma vaquinha para ajudar no enterro ou para comprar comida para a família quando a viúva está passando necessidades, mas depois eles têm que se virar, ninguém tem culpa de não terem pago o sindicato e o INPS" ...

Embora grande seja o descontentamento dos comerciantes do mercado em relação às instituições externas que, de algum modo, controlam seu comportamento, observa-se neles maior resignação ao que revolta e oposição clara e organizada. Em relação às penalidades aplicadas pela COMAB, como é o caso das suspensões determinadas pela Secretaria de Saúde aos que são surpreendidos sem bata pelos fiscais, tivemos oportunidade de ouvir de um varejista: "a Saúde devia se preocupar com os ratos e esgotos do mercado e deixar de olhar para a apresentação da gente" ... E, tendo presenciado na sala da administração, a comunicação de suspensão a cerca de oito comerciantes ouvimos deles: "doutor, eu não posso ficar muitos dias parado, sou quase pai de família, faça alguma coisa por nós"... E, sendo cientificados pelo

administrador que, por cinco dias, os policiais estariam vigilantes para garantir o cumprimento da penalidade retiraram-se dali resmungando: "se vocês não podem fazer nada por nós, quem é que vai fazer?... Não vou atrás das autoridades que deram a ordem, a gente nunca tirou proveito com isso"...

CONCLUSÃO

Um mercado coberto não é apenas um lugar onde se realizam trocas comerciais ou onde se compram e vendem gêneros alimentícios e produtos artesanais considerados "curiosos" para o homem urbano. É local de encontro de pessoas integrantes das várias categorias e um pouco da zona rural para os que dela se afastam. Nele são representadas cenas que falam da sociedade onde estão inseridos e apresentados numerosos aspectos da cultura popular e da vida do proletariado. Os comerciantes que trabalham nos mercados, em geral, não gozam de "status" tão elevado quanto os estabelecidos em outros pontos. Possuir uma banca ou barraca naquele local é para muitos um atestado de pobreza. No entanto, um daqueles varejistas, com curso superior, nos informou ter renda superior a de seus colegas de Faculdade que assumiram cargo técnico na administração pública.

Conhecendo situações onde a vida se apresenta mais difícil e impressionados pelo volume de vendas do mercado, os vendedores entrevistados apresentam alto grau de satisfação em relação ao comércio ali desenvolvido. Embora a maioria não consiga melhorar muito o seu nível de vida, consideram que o mercado dá muito lucro.

Distribuídos no espaço, os vendedores do mercado formam verdadeiras zonas, distintas umas das outras pelos produtos comercializados. Reagem a qualquer idéia de modificação de sua distribuição na área, o que tem dificultado a implantação de vários planos da COMAB. Uma observação mais demorada desses grupos permite constatar que apresentam numerosas diferenças entre si. Os talhadores (açougueiros) e varejistas de gêneros alimentícios (os que vendem cereal, enlatados, toucinho, etc.) são visivelmente mais ricos do que os fruteiros e verdureiros. O preço da mercadoria que vendem, como também o espaço necessário à sua exposição exigem maior emprego de capital. Por outro lado, vendendo mais, podem ter margem de lucro superior. Os outros grupos, vendendo menos, perdendo mais comprando mais caro e gastando mais com transporte da mercadoria, tiram menores vantagens daquele comércio.

Os varejistas de "gêneros alimentícios" ligam-se à Associação Comercial enquanto que os integrantes de outras categorias, quando sindicalizados, ligam-se a sindicatos específicos, como o dos talhadores, dos peixeiros e vendedores ambulantes. Não há, portanto, um sindicato que congregue a todas as categorias. Cada uma delas se liga a comerciantes do mesmo gênero estabelecidos em outras feiras ou mercados, ou fora daqueles locais.

Grande têm sido a atuação de alguns sindicatos, como o dos talhadores, na defesa de interesses gerais, o que tem contribuído para aumentar seu prestígio entre os integrantes de outras categorias. Em virtude de tal ação foram introduzidas várias alterações no "Termo de permissão remunerada de uso", proposto pela COMAB, e já assinado por vários comerciantes. Mas, nem sempre a atuação dos sindicatos corresponde aos anseios dos sindicalizados. Para um membro do de "peixeiros e vendedores ambulantes", sindicato é mais uma forma de opressão; "só serve para

perseguir e só ajuda mesmo em caso de doença"...

As relações entre os varejistas e a COMAB são cheias de conflitos. As 'medidas adotadas por ela resultam menos de acordos do que de imposições aos varejistas. Mas, por trás de uma aparente submissão aqueles comerciantes, consciente ou inconscientemente, apresentam uma resistência silenciosa e constante ao controle das instituições externas e uma oposição, às vezes, muda aos programas por elas traçados. A lentidão em que se está realizando o cadastramento de varejistas empreendido pela COMAB em convênio com a CEASA, é uma manifestação de resistência dos comerciantes ao controle daquelas instituições. A cobrança de até Cr\$ 60.000,00 por ocasião de transferência do ponto é uma afirmação da posse sobre eles e uma forma de cobrar as benfeitorias realizadas e não indenizadas pela COMAB em caso de transferência.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- CARVALHO, Edgard Assis. *Antropologia Econômica*. Liv. Ed. Ciências Humanas Ltda., São Paulo, 1978.
- LODY, Raul Giovanni da Motta. A feira de São Cristóvão: o Nordeste na Guanabara. *Rev. Bras. de Folclore*, nº 38, ano 13, jan/ abr, 1974, p. 45-64.
- MARCONI, Celso. A feira de Caruaru. *Rev. Cultura*, MEC, ano 4, n ° 14, jul/set, 1974.
- MEUNIER, Roger. Formas da circulação in: POUVILLON, F. *A Antropologia Econômica, correntes e problemas*. Edições 70, Lisboa, 1976.
- MOTT, Luiz. As feiras no Brasil - bibliografia comentada. *Rev. de Etnografia*. Porto - Portugal (no prelo).

RESUMO

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. *De segunda a domingo, etnografia de um mercado coberto*. 1984.

Descrição do Mercado Central de São Luís, procurando enfatizar seus aspectos sociais. Chama atenção para o conflito existente entre os vendedores e as instituições que exercem controle sobre eles, especialmente a CEASA e a COMAB.

**MINA, UMA RELIGIÃO DE ORIGEM
AFRICANA**

INTRODUÇÃO

Falar da Mina maranhense não é tão fácil como parece à primeira vista. Embora o pessoal dos terreiros no Maranhão seja geralmente receptivo ao trabalho de pesquisa, nem sempre está autorizado pelas entidades espirituais que "carrega" a falar sobre elas e sobre os aspectos mais fundamentais de sua religião ou mesmo revelar o nome das entidades ali existentes, a mitologia conhecida e a tradução das letras cantadas nos rituais realizados em seu louvor.

Por outro lado, à medida que o pesquisador vai se tornando membro do grupo e tendo acesso àquelas informações, vai também se sentindo impedido de revelá-las em seus trabalhos, uma vez que passa também a receber proibições explícitas que o impedem de falar abertamente sobre o que viu e aprendeu naquela casa.

A descrição dos aspectos exteriores da Mina acarreta também sérias dificuldades pois o sistema é pouco rígido e apresenta grande número de variações, mesmo numa determinada casa, exigindo longo tempo de observação para se poder aprender seus elementos gerais e se fazer uma descrição aproximada do real.

Os estudos de Costa Eduardo, Nunes Pereira, Maria Amália Barreto e Sérgio Ferretti, como também os dados levantados em 1984 pela nossa pesquisa não nos permitem ainda traçar as linhas básicas do sistema de crenças e valores da Mina maranhense, nem apontar com segurança seus elementos estruturais. O trabalho tem que prosseguir.

1 - O QUE É MINA

"Mina é a designação dada no Maranhão à religião de origem africana desenvolvida naquele Estado e praticada nas "casas de Mina", daí ser algumas vezes considerada equivalente ao "Candomblé" e ao "Xangô", outras formas de religião de origem africana desenvolvidas em Salvador e em Recife.

Como ocorre geralmente com as religiões de origem africana, a Mina é uma religião extática e iniciática, que tem na incorporação uma forma sensível de comunicação com o sobrenatural e, no contato direto entre filho e pai ou mãe-de-santo, intensificado em períodos de reclusão, a principal forma de transmissão de conhecimento.

Embora seguindo predominantemente a tradição jeje-nagô, a Mina apresenta

profundas diferenças em relação ao Candomblé, que só nos últimos anos está sendo introduzido em São Luís, particularmente na Casa de Fanti-Ashanti, onde se realiza nossa pesquisa.

Em São Luís, as casas de Mina são bastante numerosas e, embora apresentem diferenças entre si, possuem muitos pontos em comum, o que permite que pessoas de um terreiro possam dançar e receber seus "invisíveis" em festa de outra casa.

Na capital maranhense, apenas duas das casas de Mina fundadas por africanas "de nação", (nascidas na África), conseguiram sobreviver até os nossos dias - a "Casa das Minas" ou de jeje e a "Casa de Nagô". Sendo mais antigas e prestigiadas essas casas exercem grande influência principalmente nos terreiros do perímetro urbano fundados há mais tempo. Assumem, no entanto, em relação às mais novas uma postura elitista que pode ser constatada pela própria designação dada por elas a certas casas (pejorativamente chamadas de "beta" pelo pessoal da Casa Jeje e de "forró" pela chefe da Casa de Nagô, que tem atualmente quase cem anos).

Conforme informação de Jorge, chefe do "Terreiro da Fé em Deus", a palavra "beta" designava originalmente a língua dos turcos, povo que dominou parte da África antes da escravidão negra nas Américas e que hoje tem presença marcante na Mina, como encantados.

Com exceção da "Casa das Minas", em todos os terreiros de São Luís, os filhos-de-santo dançam tanto com voduns e orixás, como com "caboclos" (espíritos de antepassados não cultuados pelos africanos antes de chegarem ao Brasil - desencarnados ou "encantados"). Conforme Mãe Dudu, chefe da Casa de Nagô, essa prática é secular no Maranhão e tanto os "gentios" como os "caboclos" propriamente ditos são aqui muito queridos e respeitados.

Fala-se que a introdução do "caboclo" na Mina maranhense foi feita por um povo africano que veio para Codó, os "Caxéu" ou "Caxias". Conforme informação de Euclides, Anastácia, fundadora do terreiro da Turquia e natural daquela cidade, costumava contar que eles, encontrando dificuldade para reproduzir ali as condições necessárias à realização de seus rituais religiosos, absorveram elementos da religião de outros povos africanos e de grupos indígenas, com os quais entraram em contato no Brasil.

Euclides acredita ter havido outra forma de penetração através do povo "bantu", apontado na literatura como dado ao sincretismo, pois existiam em São Luís terreiros de "nação" Balanta, Cambinda e outras. Segundo o mesmo informante, o "caboclo" entrou nas casas de Candomblé de linha "Keto" devido ao seu entrosamento com o povo de Angola, dar os "boiadeiros" se apresentarem como angolanos e afilhados de Oxossi.

Na Mina as entidades africanas são geralmente denominadas por "senhor e senhora", "patrão e patroa" ou "santo". Os "caboclos" tidos como fidalgos ou possuidores de títulos de nobreza são também conhecidos por "gentio" ou "gentilheiro" e os primeiros a virem na "croá" dos filhos-de-santo são chamados de "guia".

Excetuando a Casa das Minas, onde atualmente cada membro da irmandade recebe apenas um vodum, normalmente o pessoal de terreiro de São Luís tem um casal de entidades africanas, (o "senhor" e a "senhora"), o seu "guia" e vários outros caboclos.

Segundo Euclides, os "senhores e senhoras" são orixás e voduns, embora que em muitos terreiros sejam conhecidos por no mes brasileiros como: Mãe Maria (uma qualidade de Oxum) Rei dos Mestres (Oxalá) e Barba Soeira (Iansã). Para ele, essa mudança de nomes ocorreu devido ao preconceito existente contra a religião dos africanos e a perseguição policial enfrentada pelos terreiros no passado.

Nem sempre o primeiro a se manifestar em uma pessoa é o seu "senhor" ou sua "senhora". Muitas vezes o "caboclo" vem na frente e são necessários muitos anos de espera para se poder ter as primeiras manifestações das entidades africanas que a partir daí podem passar a vir muito raramente. Há ainda os que nunca receberam aqueles santos, como acontece atualmente mesmo com algumas dançantes da Casa de Nagô.

Outras vezes a pessoa tem vodum ou orixá mas por falta de conhecimento do pai ou mãe-de-santo este não é identificado, passando a ser confundido com "caboclo".

A Mina no Maranhão é ainda hoje praticada principalmente pela população mais negra e, conseqüentemente, de renda mais baixa, embora que penetre de alguma forma em todos os segmentos da sociedade. Os terreiros, e particularmente a Casa das Minas, têm sido considerados como o principal centro de preservação da cultura africana no Estado.

Uma característica da Mina é a sua adequação ao baixo nível de renda da população, embora exija de seus devotos grandes sacrifícios. De acordo com o modelo da Casa das Minas e da Casa de Nagô, os terreiros funcionam em prédio simples, têm piso de terra batida e apenas um quarto para todos os "santos". As "obrigações" são pouco freqüentes e as matanças de animais, principalmente de "bicho de quatro patas" é reduzida. O guarda-roupa das dançantes (embora inclua muitas saias longas bem rodadas, várias anáguas, toalha e blusa bordada em "Rechilieu", colares de miçanga, etc.) é clássico e pode ser usado durante toda a vida, sem que a indumentária fique "batida" ou seja considerada monótona, uma vez que a cor da saia varia conforme o "santo" festejado.

A iniciação dos filhos-de-santo na Mina apresenta muitas diferenças em relação à do Candomblé. Na Mina poucos galgam os degraus superiores e tudo é muito secreto. Além de uma "lavagem de cabeça", para firmar as entidades, poucas casas fazem outros "melhoramentos" para seus filhos, limitando-se a apenas a preparar uma a duas pessoas que deverão substituir o pai ou mãe-de-santo em caso de morte ou impedimento.

Embora aquela estratégia tenha fortalecido as casas antigas e dificultado a multiplicação de terreiros, levada às últimas conseqüências, tem representado uma forma de suicídio cultural, contribuindo para o fechamento de muitas casas após a morte de pais e mães-de-santo, perda de saber e redução do grupo, em muitas casas.

Devido à influência indígena na cultura popular maranhense, é muito comum existir nas casas de Mina uma linha de Cura. Segundo Euclides, as próprias mães-de-santo antigas contribuíram para o desenvolvimento do curandeirismo uma vez que dificultavam a transmissão do saber africano. Como geralmente os filhos-de-santo tinham também encantado de "água doce", iam-se jogando mais nela pois na Cura o "dom" é mais valorizado do que o saber, daí a expressão curador de "nascença".

Embora os pais e mães-de-santo que são curadores geralmente procurem manter Cura e Mina separados, a fim de evitar que se misturem, tanto entidades de Mina passam na Cura como encantados da Cura vêm para a Mina, embora nunca se tenha ouvido falar, por exemplo, que um vodum ou orixá tenha descido num ritual de maracá. Atualmente muitos deles, como Dona Clarinda (terreiro do "Oito"), passaram aquela obrigação para outra pessoa do terreiro, a quem cabe organizar o Brinquedo de Cura embora continuem a "trabalhar" com encantados daquela linha que são bons curadores.

É, contudo, errôneo pensar que só há "caboclo" nas casas de Mina onde existe Cura, pois a Casa de Nagô não realiza aquele tipo de ritual e tem grande número de "caboclos", caso que também se verificava em vários terreiros existentes em São Luís no passado, como o do Egito.

O transe na Mina varia principalmente em função da entidade incorporada e da

tradição da casa. Voduns e orixás geralmente são silenciosos, apesar dos da Casa das Minas costumarem conversar alegremente durante o toque e atender as pessoas que desejam falar com eles, embora que com estas seu comportamento seja um tanto cerimonioso.

Os "caboclos", em presença de voduns e orixás, costumam ser mais reservados. Fora desta circunstância, exibem geralmente grande desinibição, dando rodadas, bradando, "doutrinando", abraçando os amigos, saindo do barracão para fumar e beber (apesar de em muitas casas esta só ser liberada quando se encerra o ritual). Vez por outra são chamados para batizar alguma criança ou abençoar um casamento.

Geralmente nas casas de Mina mais de uma dançante pode receber a mesma entidade, embora que se afirme freqüentemente que ela não incorpora ao mesmo tempo em mais de um filho-de-santo. Algumas entidades, além de só virem em uma casa, às vezes só escolhem uma pessoa, desaparecendo após a morte dela, como tem acontecido com alguns voduns da Casa das Minas. Outras, consideradas "andejas" passam em quase todos os terreiros, como é o caso de Badé que, apesar de ser um vodum, é conhecido em todos os terreiros, mesmo nos que se autodenominam de "mata". Segundo Dona Joana, que "carrega" aquela entidade na Casa das Minas, Badé entra também na "mata" disfarçado em "caboclo".

Acredita-se que as pessoas que "bolam no santo" (que entram em transe pela primeira vez), foram escolhidas por uma entidade a quem não podem deixar de servir, sob pena de sofrer transtornos mentais. Cabe ao pai ou mãe-de-santo identificar a entidade que se manifestou, conhecer o seu desejo em relação ao escolhido e fazer algum acordo com ela (caso este não possa servi-la do modo por ela desejado), suspendendo o santo ou apontando outra forma de ficar a seu serviço.

Admitindo que, quando alguém se aproxima de sua casa, em busca de ajuda, foi conduzido pelos próprios invisíveis, muitos pais e mães-de-santo, após o reconhecimento da autenticidade do transe e da identificação da entidade que se manifestou, integram o novo médium ao seu grupo. Na Casa das Minas tal integração dificilmente acontece, mesmo quando a pessoa "bola no santo" assistindo a uma festa ali realizada, daí acreditar-se que vodum-jeje não baixa facilmente e que não escolhe "qualquer uma" (Naquela Casa só se recebem entidades que foram assentadas pelas fundadoras).

No passado era comum os terreiros encaminharem a outras casas, pessoas que apareciam com encantado que não era de lá, hoje tal prática está desaparecendo, uma vez que cada terreiro tem entidades de várias procedências.

Embora o pessoal das duas casas mais antigas não costume fazer visita e dançar em outros terreiros, contudo uma vez por ano, ocorria uma visita entre a Casa das Minas e a Casa de Nagô, decidida e realizada pelos próprios invisíveis. Nesta oportunidade, alguns deles podiam entrar na roda e dançar com seus anfitriões. Fora dessa visita, já ocorreu "fuga" de um deles para participar de festa na outra casa, o que aconteceu com Badé que sendo da Casa das Minas é uma entidade Nagô.

Algumas vezes ainda se vê um membro da Casa de Nagô assistindo a uma festa em outra casa e, se tomado de surpresa pelo seu "guia" ("caboclo"), entrando na roda e dançando, coisa que ocorre também muito freqüente com membros de outros terreiros. Já o pessoal da Casa das Minas dificilmente é visto assistindo a um tambor noutra casa e fala-se também na existência ali de proibição explícita de tocador de lá bater tambor em outro terreiro.

Entre as casas mais novas onde a "linha da mata" (de "caboclo") é mais desenvolvida, há maior entrosamento, de modo que freqüentemente se pode ver um pai ou mãe-de-santo

com seu pessoal participando ativamente de festa de casa amiga. Estas também costumam receber dançantes provenientes de casas que encerraram suas atividades ou que se desligaram de seu terreiro por razões pessoais.

As casas de Mina realizam várias vezes no ano um ritual público denominado "Tambor de Mina" ou simplesmente "toque" de que nos ocuparemos na próxima parte deste trabalho. Como em todos eles há uma parte pública e outra privada, quem assiste a um toque do começo ao fim não tem conhecimento de tudo o que foi realizado antes e depois dele, das matanças e oferendas feitas e dos rituais de purificação.

A parte pública pode ser assistida por qualquer pessoa, daí as casas de Mina costumarem naquelas noites ficar bem iluminadas e de portas abertas. Normalmente não há também objeção quanto ao uso de gravador e máquina fotográfica, e freqüentemente os "caboclos" aproveitam a oportunidade para tirar uma foto ao lado de seus parentes e amigos.

2 - O TAMBOR DE MINA NO MARANHÃO

Tambor de Mina ou toque é um ritual de chamada e de louvação a entidades sobrenaturais africanas (voduns e orixás) e "caboclos" de diferentes procedências, realizado nas casas de Mina do Maranhão, principalmente nas datas em que a Igreja Católica celebra a festa dos santos a quem são associados e de quem se acredita serem devotos ou adoradores.

É realizado geralmente à noite, na varanda da casa onde foi feito o "assentamento" dos santos ou em barracão construído na frente ou do lado da residência do pai-de-santo, prolongando-se até alta madrugada.

Consiste de canto e dança dos filhos-de-santo com seus "invisíveis", ao som de tambores, com acompanhamento de cabaças (abês) e de ferro (gã ou agogô), durante o qual as entidades incorporadas entram em contato direto com os devotos.

O ritual de Mina é geralmente comando pelo pai ou mãe-de-santo e pela guia, em substituição a eles e a quem cabe freqüentemente dirigir o canto. É comum haver também um chefe dos tocadores, uma responsável pela cozinha, um vigilante, uma servente e muitas outras pessoas trabalhando, para que o ritual possa ocorrer convenientemente. É a servente quem entrega a "toalha" e os símbolos das entidades, logo que os filhos-de-santo entram em transe, quem lhes dá de beber e lhes traz fumo, sempre que solicitado, quem defuma a casa, etc.

Embora na Casa das Minas e na Casa de Nagô só as mulheres dancem com os "invisíveis", atualmente, na maioria dos terreiros de São Luís, encontram-se também homens como filhos-de-santo. Estes apesar de numericamente inferiores, freqüentemente assumem a chefia da casa e tornam-se pais-de-santo.

Na Casa das Minas só entra na roda para dançar quem está com vodum e estes costumam vir em todos os toques, desde que a pessoa que os "carrega" não esteja impossibilitada para recebê-los (por motivo de doença, menstruação, luto, etc.).

Fala-se que em alguns terreiros que já desapareceram, como o de Mundica Tainha, os encantados chegavam todos ao mesmo tempo no salão, antes do toque, ao se ouvir a voz da mãe-de-santo incorporada, cantando as músicas de abertura.

Atualmente, nas outras casas de Mina a "incorporação" ocorre durante o toque. Quando a casa tem vodum, eles costumam vir no início do ritual e geralmente não ficam

até o encerramento, dando passagem para o "guia" da pessoa que os recebe, que passa a dançar nela até o final da festa, como se pode observar na festa de pagamento que a Casa de Fanti-Ashanti faz no 1º domingo de janeiro.

Alguns "caboclos" chegam quando se está cantando para as primeiras entidades africanas e só vão embora muitas horas após o encerramento do toque. Outros só aparecem no fim do ritual, às vezes chamados pelo próprio pai ou mãe-de-santo.

Na Mina, quando se canta para uma entidade, dançam tanto as outras que já chegaram como os filhos-de-santo que ainda não entraram em transe, embora que aquela costume ficar em lugar de destaque (junto aos tambores, dentro da roda, etc.) e representar cenas de sua história lembradas pelas letras dos cantos. Deste modo, todos os filhos-de-santo e entidades da casa sabem dançar e fazer a coreografia própria de cada "doutrina" e os novatos imitando o seu comportamento podem executar facilmente os mesmos movimentos.

O calendário e o número das festas de cada casa varia conforme as entidades cultuadas, as condições financeiras e as tradições do grupo. Há, no entanto, festas que são realizadas em quase todos os terreiros, como a de Santa Bárbara, em dezembro e a de Averekete, em agosto, uma vez que a primeira é considerada protetora dos terreiros de Mina e o segundo é quem "abre as portas" para "caboclo" nos rituais de Mina.

Antes do toque o chefe do terreiro deve solicitar licença à polícia sem o que corre o risco de ser intimado a comparecer à delegacia e interromper o ritual. Realizam-se também ritos de purificação ou limpeza, sacrifícios de certos animais e oferendas de comida aos "santos", dos quais participam só algumas pessoas da casa.

Na maioria das vezes, toca-se durante três noites nas festas maiores e uma, nas menores, embora muitas casas costumem fazer uma vez por ano uma festa grande com sete e até quinze dias de duração, quando geralmente se realiza também a festa do Espírito Santo com a pompa que lhe é costumeira.

Quando as dançantes são muito idosas ou o grupo enfrenta outros problemas para continuar praticando sua religião, toca-se poucas vezes no ano e quase sempre durante uma noite, e não raramente presta-se homenagem ao santo apenas rezando uma ladainha católica, o que dispensa a participação de "abatazeiros" e a obtenção, de licença na polícia. Normalmente procura-se agradar aos visitantes oferecendo-lhes um café ou um copo de mingau de milho e prepara-se jantar para os tocadores. Nas festas maiores, dependendo das condições financeiras do grupo, serve-se jantar para todos os presentes. E na do Espírito Santo não pode faltar um chocolate com bolo após a missa e a preparação de várias mesas de doces que são distribuídos no último dia. Na Casa das Minas, costuma-se também distribuir "comidas de obrigação" em certas ocasiões a todos os amigos da casa.

O salão onde se realiza o tambor de Mina, embora varie de casa para casa, apresenta muitos elementos comuns. Geralmente dá acesso ao quintal, sendo separado dele por muro baixo que possibilita a muitos observar o que se passa nele sem precisar entrar. Normalmente é circundado por longos bancos de madeira ou de cimento, tem quadros de santo e fotografias na parede, e teto revestido por faixas e bandeiras de papel que são substituídas nas festas grandes. O piso na Casa das Minas e na Casa de Nagô é de terra batida, mas geralmente nos terreiros mais novos é cimentado.

Costuma haver, nos terreiros de São Luís, um altar católico com imagens dos santos "adorados" pelas entidades da casa, localizado no próprio salão onde ocorre o toque, ou em sala próxima a ele, também denominada "capela". Em cada festa coloca-se em lugar de destaque a imagem do santo do dia, a do festejado anteriormente e a do que vai ser

celebrado na próxima festa.

É diante dele que nas festas maiores, antes do toque, é cantada a ladainha em latim com o acompanhamento de músicos contratados. E também aí que na Casa das Minas os voduns cantam em língua africana uma ladainha que se segue a primeira, reverenciando os santos do altar.

É geralmente na sala do altar que tanto os voduns como os "caboclos" se dirigem para fumar, conversar ou atender a alguém que está precisando do seu conselho.

Em um dos bancos do salão, junto aos tambores, ficam os tocadores de instrumentos menores e os auxiliares do ritual. Além dos tambores são necessários ao ritual de Mina um "ferro" (agogô ou gã), várias cabaças pequenas e duas ou mais cabaças grandes (abês ou xekerê) que inexistem na Casa das Minas.

Na Casa das Minas, os tambores, em número de três, ficam no chão e são batidos com a mão e com "aguidavi" (vara fina em forma de forquilha). Os dois menores são tocados em pé e o maior, reclinado sob suporte de ferro.

Tanto na Casa de Nagô como na Casa de Fanti-Ashanti existem apenas dois tambores e estes são tocados com a mão e suspensos por cavaletes de madeira. Nas demais casas, além dos dois "abatás" há um tambor grande denominado "tambor da mata" que fica no chão, inclinado sobre suporte de madeira.

A roupa das dançantes segue geralmente o modelo da Casa das Minas e da Casa de Nagô. Consiste basicamente de saia longa franzida, de tecido adamascado, cetim ou às vezes de chitão, usada sobre anágua engomada, "camisa de saia" branca e toalha (alá) usada após a incorporação. Cada filha-de-santo tem várias saias, pois costumam apresentar em cada dia de festa uma saia diferente cuja cor está relacionada com o santo homenageado. Há ocasiões em que usam a saia de chitão ou que se apresentam com saia variadas.

A blusa tradicional de Mina ("camisa de saia") é bordada em "Rechilieu" e aberta de renda de almofada e tem no bordado o mesmo motivo da toalha.

É comum haver na toalha a marca do santo (vodum ou orixá) ou do "guia" ("caboclo") da pessoa e alguns símbolos litúrgicos católicos como cálice e hóstia, cruz, etc.

Atualmente, mesmo na Casa das Minas, já se estão substituindo as roupas artesanais por rendão de nylon ou cambraia bordada, que vem sendo usados na blusa, toalha e às vezes até na saia das dançantes.

Geralmente se amarra na cintura uma faixa branca e se dança de cabeça descoberta, embora em algumas festas certas entidades usem lenço na cabeça.

Entra-se na roda normalmente de sandália de salto baixo, sem traseira e de rosto fechado, embora que esta seja muitas vezes abandonada logo ao chegar por certas entidades.

Sobre a blusa costumam-se usar vários "rosários" ou "guias" - colares de miçanga com a marcação da casa, da família do encantado que é "dono" da pessoa e de outras entidades que o filho-de-santo "carrega", além de brincos, pulseiras e colares não rituais. Na Casa das Minas alguns voduns prendem no ombro um lenço de seda.

Certas entidades ao se manifestarem recebem, além da toalha, determinados distintivos particulares: bengala, rebenque, lenço, chapéu, etc. Na Casa das Minas e de Nagô, os "encantados" costumam soltar o cabelo da pessoa que os recebe, prática pouco observada em outras casas. Alguns "caboclos" substituem a toalha por um grande lenço de seda que é usado no ombro ou enrolado na mão. E os "turcos" costumam ao chegar, colocar seu rosário atravessado e dançar com a ponta dele na mão.

Os homens, quando dançam Mina, usam geralmente calça branca e camisa no padrão das saias das mulheres. Ao entrarem em transe recebem a toalha e passam a dançar com ela dobrada no ombro ou no braço.

O ritual denominado "tambor de Mina" varia de casa para casa, embora que o realizado na maioria dos terreiros de São Luís possa ser considerado uma variante do que existe hoje na Casa de Nagô.

Na Casa de Nagô, o toque propriamente dito começa com o pessoal entrando no barracão e cantando para Exu o "Ibarabô" em língua africana, passando a dançar ao toque dos tambores. Em seguida canta-se para Ogum e para entidades nagô, jeje e de outras "nações" africanas como Tapa e Caxeu, dançando em círculo ou indo e vindo, em grupo de um lado a outro do salão. Normalmente a doutrina é cantada primeiramente por uma só pessoa (pai, mãe-de-santo ou guia da casa) e depois repetida e dançada pelo grupo com o acompanhamento dos instrumentos.

Canta-se depois para Averekete e o tambor "vira pra mata", para "caboclo", tornando-se as batidas mais intensas e aceleradas e passando os "caboclos" a "doutrinar" livremente. Embora nessa parte se cante geralmente em português, há, vez por outra, uma doutrina para vodum em sua língua ou palavras e expressões africanas dentro de letras em português.

Antes do encerramento volta-se a cantar para voduns e orixás em língua africana e se encerra com Oxalá, passando os encantados para outro compartimento do terreiro para atender aos amigos, se preparar para a subida ou, quando "caboclo", para o divertimento que geralmente vai até o outro dia.

Algumas casas quase não cantam "Ibarabô" e "doutrinas" em língua africana para os voduns e orixás, cantando logo no início para Averekete e dando liberdade para puxar o canto a todos os da roda.

Segundo Euclides, no terreiro do Egito, o toque já começava cantando-se para Gô (Ogum dos Fanti-Ashanti). Antes "arriava-se" aos pés das árvores as oferendas para Saçaboçam (Exu), entoando-se cânticos e fazendo-se um "joguinho de pé". Neste momento não havia toque de tambor nem dança propriamente dita, daí esta parte do ritual ser denominada "reza". Cantava-se depois para Frequetê, (Averekete), o senhor da mãe-de-santo na época, para os "voduns maiores", para os "gentios" e finalmente para os "caboclos" que estivessem presentes, pois a partir daí cada um puxava a sua doutrina.

Na Mina, tanto os tambores como as cabaças grandes são tocadas geralmente por homens. As mulheres tocam o ferro e as cabaças pequenas que são algumas vezes também tocadas por crianças, filhas das dançantes, cuja participação é estimulada e em quem se deposita grande esperança. Não raramente algumas delas são escolhidas pelos encantados, passando também, a dançar, no meio dos adultos.

Nas casas onde ainda existem muitos voduns e orixás e se procura preservar a tradição africana, canta-se a maior parte do tempo para aquelas entidades, na língua de sua nação. No entanto, geralmente na última noite, o espaço para caboclo é ampliado e eles dispõem de mais tempo para "doutrinar", o que normalmente é feito em língua portuguesa. Na Casa das Minas, como não se aceita caboclo, só se canta em português na festa de São Sebastião, quando se faz, uma homenagem aos "Caxias" com três ou quatro cantos.

É comum se cantar igual número de doutrinas para cada santo, dentro de ordem pré-estabelecida, embora que freqüentemente se cante mais vezes para o santo que está sendo homenageado naquela festa e para alguma entidade que há muito não aparecia. Embora essa regra não seja obedecida do mesmo modo para "caboclo", nunca se canta uma só doutrina para uma família nem se passa a cantar para qualquer um deles sem se homena-

gear, em primeiro lugar, à "nobreza" da casa.

No Tambor de Mina, a dança, embora admitindo variações, apresenta dois movimentos básicos, um circular e outro indo e vindo de um lado a outro do salão, que segundo Euclides, na Casa de Fanti-Ashanti, representa a entrada e a saída de famílias de encantados homenageados no canto.

Nas casas mais novas é comum se introduzir na roda filhos-de-santo de terreiro amigo, tendo-se o cuidado de, naquela noite, cantar "doutrinas" conhecidas pelos visitantes, que, por sua vez, procuram se comportar de acordo com o padrão da casa.

3 - O CABOCLO NA MINA MARANHENSE

Antes de mais nada, é preciso dizer que, quando se fala em "caboclo" nas casas de Mina maranhenses não se está, necessariamente, falando de "índio" ou de tipos populares nacionais, como falou Ordep Trindade-Serra em relação ao Candomblé da Bahia.

Na Casa de Fanti-Ashanti, embora eles se apresentem freqüentemente como brasileiros, são muitas vezes turcos e não raramente franceses, egípcios, portugueses, e mesmo africanos. Só um pequeno número deles poderia se enquadrar na categoria de brasileiros "natos".

Referindo-se aos "turcos", Euclides esclareceu que eles são "gentios", de família nobre, e de classe social alta. Definem-se como "caboclos" porque entraram na aldeia de Caboclo Velho, rei dos "caboclos", considerado o primeiro a pisar aqui na terra, e foram integrados ao seu grupo. Por outro lado, como não eram conhecidos pelos africanos e surgiram pela primeira vez, como "encantados" ou como "espíritos", aqui no Brasil, são considerados brasileiros.

Geralmente denomina-se "caboclo" a todo "invisível" das casas de Mina que não pertencem ao panteon africano e que não podem ser incluídos nas categorias de vodum ou orixá. Diferem-se basicamente dos orixás por não serem forças cósmicas e dos voduns por não serem ancestrais da família real do Dahomé ou de grupo africano vindo para o Brasil.

O comportamento dos "caboclos" às vezes é muito parecido com o dos voduns, principalmente o dos gentilheiros ou fidalgos. Alguns falam muito e são comunicativos, outros são reservados. Mas geralmente o "caboclo" é mais expansivo e gosta de fumar charuto, dançar descalço, rodar, bradar, tomar chá, cerveja ou cachaça e ficar na pessoa por mais tempo.

No tambor de Mina do Maranhão o vodum que "abre as portas" para "caboclo" é Averequete, daí ser por eles considerado pai ou padrinho. É portanto para ele que se canta antes de se "virar o tambor pra mata".

Em Codó, onde se diz que o caboclo "brada" mais alto, afirma-se que aquela categoria de encantado é comandada por Légua Buji Buá, que se intitula filho de Pedro Anção e Rainha Rosa (uma qualidade de Xangô e de Iansã). Talvez resida aí a explicação para o fato de Santa Bárbara ter sido proclamada protetora dos terreiros de Mina do Maranhão.

Entrando nos terreiros os "caboclos" tem, no entanto, que se adaptar à disciplina da casa e se subordinar àquelas entidades africanas, sendo algumas vezes considerados seus representantes ou intermediários.

Embora considerados menores do que os "santos", os "caboclos" gozam de grande respeito nos terreiros de São Luís. Antes do toque as pessoas, que dançam só com "caboclo", devem também abster-se de relações sexuais e tomar banhos de purificação.

Embora os "santos", normalmente, despertem mais orgulho por serem considerados seres superiores ou por terem vindo da África, parece que os filhos-de-santo na Mina se identificam mais com o seu "guia", ou com o "caboclo" que toma conta de sua cabeça na sua ausência, que vem mais freqüentemente. Assim, embora cada um se sinta na obrigação de venerar o seu "senhor" ou sua "senhora", no dia do santo católico a que se relacionam, costuma comemorar também o nascimento de cada "caboclo" em sua cabeça, festejando de modo especial o aniversário do seu "guia", do "caboclo" que *tomar* conta de sua "c roa" em primeiro lugar.

A identificação dos filhos-de-santo com os "caboclos" é tamanha que costumam ser conhecidos no grupo pelo nome deles' Isaura de Floriano, Joãozinho de Mariana e assim sucessivamente. Os "caboclos", no entanto, não costumam ser chamados pelos seus nomes e sim por apelidos. Graças a esse segredo, se algum aparece com um encantado que diz ser alguém conhecido, pode se saber se está "mistificando" ou não, ao se pedir reservadamente para revelar seu verdadeiro nome.

Embora os filhos-de-santo da Mina maranhense costumem ter vários "caboclos", e estes apresentem profundas diferenças entre si não há conflito entre eles, uma vez que só um é o "guia" da pessoa e "o que um faz, os outros não desmancham".

Os "caboclos", além de terem origem ou nacionalidade diferente, agrupam-se em linhas e famílias distintas e apresentam diferenças de poder e de prestígio.

É comum no Maranhão, os terreiros pertencerem a um vodum mas serem chefiados por um "caboclo", a quem todos os outros devem ouvir. Independentemente desta relação há entre eles uma hierarquia de parentesco que faz com que os diversos membros de uma família obedeçam a seu chefe.

Alguns "caboclos", genericamente chamados "gentios", "gentilheiros" ou "fidalgos", gozam de maior prestígio em virtude de possuírem título de nobreza. Na Casa de Fanti-Ashanti entre os "gentilheiros" há os filhos do Rei da Turquia e os de seu Seu Tabajara, o chefe da casa. A diferença deles para um "caboclo" comum é semelhante a que existe no Candomblé entre um "boiadeiro" e um "caboclo" propriamente dito.

Geralmente nas casas de Mina se diz que os "índios" vêm como "caboclos", isto é, como civilizados, embora que em algumas delas, possam vir pelo menos uma vez por ano, como selvagens, dançando sobre espinho de tucum, comendo pinto cru, assustando as crianças como ocorria antigamente no Canjerê na Casa de Fanti-Ashanti.

Normalmente, nas casas de Mina, os "caboclos" são classificados em: "caboclos" da água doce, da água salgada, da mata e do ar, classes que são homenageadas nos toques, segundo ordenação preestabelecida. Segundo Euclides, os "caboclos" do ar ainda não foram domesticados mas às vezes se infiltram durante o ritual.

Na Mina maranhense predomina a linha de água salgada e da mata, enquanto que na Cura, a de água doce é a dominante. Afirma-se, no entanto, que em Belém a de água doce é também predominante na Mina-nagô.

Independente da linha a que pertencem, os "caboclos" da Mina são organizados em famílias. Na Casa de Fanti-Ashanti, há duas famílias consideradas "da casa", a de Seu Turquia e a de Seu Tabajara, que no fundo são uma só, uma vez que o segundo é filho do primeiro. A estas foram se agregando outras, uma vez que tanto Euclides como seus filhos e filhas-de-santo têm "caboclo" de outra procedência, como: Corre-Beira, Tapindaré e outros.

Cada grupo usa um distintivo. O "rosário" dos pertencentes à família de Seu Turquia tem contas verdes, amarelas e vermelhas, sucedendo-se em intervalos regulares. Já os

Tabajaras usam "rosário" verde "balizado" de vermelho (contas verdes rajadas de vermelho).

Embora o "assentamento" de "caboclo" seja feito "no tempo", fora da área construída, poucos são de fato, "assentados". Segundo Euclides, na Casa de Fanti-Ashanti, o único que tem assentamento é Seu Tabajara, pois é o chefe, da casa, e não seria possível se fazer para os outros uma vez que são muito numerosos. Existe, no entanto, um lugar fora da casa onde se acende vela e se oferecem presentes a eles, por ocasião do seu aniversário ou quando se deseja pedir-lhes algo. Este, no entanto, não é ali tão facilmente identificável como o "boiadeiro" do Candomblé e o de "mãe d'água" ("caboclo" de água doce que vem na Cura).

Não há matança para "caboclo" e as oferendas feitas a eles são simples e pouco freqüentes. Quando não se tem uma casa-de-santo ou terreiro, costumam-se levar as comidas em cuias e depositá-las nos rios, cachoeiras, matas, etc., conforme a linha do encantado que se deseja reverenciar. O tipo da oferenda varia também conforme a linha. São muito apreciados pelos "caboclos": milho, batata, abóbora, frutas, café, fumo, vela, cerveja preta, cachaça, etc.

Tal como acontece com os voduns e orixás, no Maranhão, os "caboclos" costumam também ter devoção a santos católicos embora que não sejam com eles tão freqüentemente confundidos. Há, no entanto, entre eles alguns que não aceitam o cristianismo, como de modo geral, os turcos e índios não civilizados.

Embora se apregoe que "caboclo" é livre, pois não tem uma ordem de chegada durante os rituais, como ocorre com os orixás no Candomblé, os da Mina, como os "boiadeiros" do Candomblé, devem obediência aos voduns e orixás, podendo ser considerados seus servos ou filhos adotivos.

São também controlados pelos próprios "caboclos" que estão acima deles em hierarquia - chefe da família, chefe da casa e outros. Na Mina eles obedecem ainda ao Caboclo Velho, tido como o primeiro a pisar aqui na terra e a hierarquia existente entre os membros da irmandade do terreiro. Assim, durante um Tambor de Mina, os caboclos das dançantes mais graduadas ficam mais à frente e os que vêm no pai-de-santo são reverenciados pelos dos outros membros do terreiro.

Embora no toque, quando se "vira para caboclo" não haja uma ordem fixa a ser seguida, sempre que se canta para uma entidade de uma linha tem que se cantar pelo menos duas ou três doutrinas antes de passar a cantar para os de outra linha. Por outro lado, quando uma está "doutrinando" outras não passam à frente, antes, pelo contrário, esperam a hora em que se está cantando para a sua família para poder doutrinar.

Na Casa de Fanti-Ashanti os "caboclos" não vêm apenas nos rituais públicos, quando há necessidade pode-se "fazer chamada", acendendo uma vela e concentrando-se. Outras vezes vêm "de assalto", sem serem chamados, para prevenir sobre algo que está para acontecer, participar de uma festa que está sendo realizada, etc.

Nas casas de Mina de São Luís, costumam-se batizar os "caboclos", especialmente os "guias" e os que tomam conta da pessoa em seu lugar, quando aqueles não vem freqüentemente. Conforme explicação de Euclides, na Casa de Fanti-Ashanti, eles são batizados porque as pessoas que os recebem são católicas e porque o batismo faz o "caboclo" ficar mais firme em suas cabeças. Contudo, há ali "caboclos" que não aceitam o cristianismo e que por isso mesmo não se batizam, não têm devoção a santo católico e não gostam de rezar ladainha como acontece com Seu Jaguarema, um dos filhos do Rei da Turquia.

O rito do batismo varia conforme a linha da entidade, mas é geralmente nesta

oportunidade que eles costumam revelar o nome pelo qual passam a ser identificados pelo pessoal do terreiro.

Na casa de Euclides o caboclo tem presença marcante tanto na Cura, como na Mina e no Candomblé e, embora alguns deles pertençam apenas a um desses sistemas, há certas entidades que vêm em mais de um deles.

CONCLUSÃO

Quando se apresenta a Mina como "uma" religião de origem africana se deseja, antes de tudo, enfatizar a existência no Maranhão de um "modelo" de religião afro-brasileira diferente dos dominantes no Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

Não se pretende com isso negar a existência de variações nesse modelo ou apregoar a unidade dos terreiros do Maranhão. As casas de Mina, ao se definirem como tais, costumam acentuar suas diferenças acrescentando: aqui é "Mina-jeje", ou é "Mina-nagô", ou ainda "aqui é mata" (Mina sem vinculação a uma determinada "nação" africana ou que cultua principalmente entidades inexistentes nos panteões africanos).

Preferimos falar em "religião de origem africana" em vez de "religião africana" porque no Brasil, mesmo nas casas mais ortodoxas (onde se preserva uma tradição africana ou se afirma uma identidade étnica), essa religião sofreu modificações e incorporou elementos de outras origens (exibindo hoje certas características que a tornam reconhecidamente brasileiras).

No Maranhão, a Casa das Minas é o único terreiro onde só são cultuadas entidades africanas. Contudo, apesar de ser uma casa jeje tem no seu panteon algumas entidades nagô. Por essa razão se canta ali, num mesmo ritual, em várias línguas africanas e, pelo menos uma vez por ano, os voduns rendem homenagem a um povo conhecido por "Caxias". cantando para ele em português. Esta mesma casa também realiza anualmente a Festa do Espírito Santo e nas festas dos voduns canta uma ladainha, em latim, para homenagear os santos católicos que são objeto de adoração ou de devoção pelas entidades africanas.

A introdução do "caboclo" na Mina parece ter ocorrido ainda no século passado, quando as casas mais antigas estavam sob o comando de suas fundadoras e, não deve ser vista como indicador de "abandono" da tradição africana.

No Maranhão há casas, como a de Nagô e a de Fanti-Ashanti, onde aquela tradição continua a ser muito valorizada e os "caboclos" gozam de grande prestígio entre os filhos-de-santo.

BIBLIOGRAFIA CITADA

COSTA EDUARDO, Octávio da. *The negro in Northern Brazil a study in acculturation*. N. York, J.J. Augustin, 1948.

BARRETO, Maria Amália Pereira. *Os Voduns no Maranhão*. S. Luís, Fundação Cultural do Maranhão. 1977.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. *Querebentan de Zomadonu: etnografia da Casa das Minas*,

São Luís, Ed. UFMA, 1985.

NUNES PEREIRA, Manuel. *A Casa das Minas, culto dos Voduns Jeje no Maranhão*. Petrópolis, Vozes, 1979 (2ª ed.).

TRINDADE-SERRA, Ordep. *J. Estrofes e antistrofes, o andamento do drama ritual no culto do Candomblé da Bahia*. Salvador, Centro de Estudos Bahianos - UFBA, 1980 (nº 88).

RESUMO

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. **Mina, uma religião de origem africana**, 1985.

Visão geral da Mina, do ritual público realizado nos terreiros de São Luís, em louvor às entidades sobrenaturais cultuadas, e de problemas relacionados à pesquisa do Tambor de Mina do Maranhão. Chama atenção para o processo de mudança ocorrido, mesmo nas casas consideradas mais tradicionais e empenhadas na preservação do saber transmitido pelas fundadoras. Dá especial atenção à presença na Mina de "caboclos" (entidades sobrenaturais não conhecidas pelos africanos), procurando dimensionar sua importância, definir o seu papel e sua relação com os voduns e orixás e descrever sua forma de integração ao sistema religioso tradicional. A Mina é apresentada como manifestação cultural da população negra atual, que consegue penetrar em outros segmentos da população maranhense e, não apenas, como uma religião de "origem" africana.

Composto e Impresso no Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado - SIOGE
Rua Antônio Rayol, 505 - São Luís - MA Tel.: 222-5744

1ª edição – 1985 - SIOGE
2ª edição – 1987 - SIOGE
Cópia pdf – 2016 – Gp MINA